

UM BANDO DE LOBOS SOLITÁRIOS: UMA ANÁLISE DOS MEMES DE MENTALIDADE SIGMA NA MACHOSFERA DO INSTAGRAM BRASILEIRO

Thiago Costa¹

Resumo

Este artigo analisa a aparente crise de masculinidades na cultura *Sigma* brasileira através de memes de internet. A cultura *Sigma* se destaca pela rejeição das normas sociais convencionais e pelo respeito pelas tradições, frequentemente associada à perspectiva *Red Pill*. O discurso desse grupo, muitas vezes altamente misógeno, é ocasionalmente disfarçado por meio de *memes*, tornando-o facilmente compartilhável. Realizou-se uma análise crítica de conteúdo visual dos *memes*, combinando análise crítica de imagens com contextualização cultural, focando na prática visual. A pesquisa concentrou-se na hashtag *#redpillbrasil* e nas contas do *Instagram* *@brazilian_sigma* e *@wojakemes_sigma* para identificar temas e discursos culturais. Os resultados evidenciam que a percepção de tal crise se expressa como uma mentalidade *Sigma*, promovendo misoginia, antifeminismo, nacionalismo e valores convencionais.

Palavras-chave

Meme; machosfera; *Red Pill*; Brasil; comunidade; *Sigma*.

Abstract

This paper explores the apparent crisis of masculinities within Brazilian *Sigma* culture through internet memes. *Sigma* culture is distinctive for its rejection of conventional social norms and reverence for traditions, often linked to the *Red Pill* perspective. The discourse of this group, often highly misogynistic, is occasionally cloaked through memes, making it easily shareable. A critical analysis of visual content in memes was conducted, combining critical image analysis with cultural contextualization, focusing on visual practice. The research centered on the hashtag *#redpillbrasil* and the *Instagram* accounts *@brazilian_sigma* and *@wojakemes_sigma* to identify cultural themes and discourses. The results underscore that the perception of this crisis is manifested as a *Sigma* mentality, promoting misogyny, anti-feminism, nationalism, and conventional values.

Keywords

Memes; manosphere; Red Pill, Brazil, Sigma male; communities.

¹ Mestre em Artes da Cena (UFRJ) e bacharel em Comunicação Social (UFRJ) e Psicologia (UFRJ). Pesquisa imaginários digitais e seus desdobramentos políticos, econômicos e mentais, thiagolethi@ufrj.br, <https://orcid.org/0000-0003-3664-250X>, <http://lattes.cnpq.br/0995031120846659>.

Introdução

Nos últimos anos, a sociedade tem enfrentado um crescimento de grupos de homens reclamando nas plataformas de mídias sociais. Eles acreditam que nossa cultura está mutando para uma masculinidade menos prevalente à medida que as mulheres adquirem mais direitos e se tornam mais vocais sobre os problemas que enfrentam. Esses coletivos compartilham uma infinidade de conteúdos que vão desde piadas até discursos misóginos. Além disso, há espaço para aqueles que buscam conselhos, pois percebem que têm falhado em respeitar as mulheres.

Essa tendência levou ao surgimento da 'machosfera' (*manosphere*) em 2009, uma rede vagamente conectada de sites e comunidades que proporcionam um espaço aos homens expressarem suas perspectivas, desejos, frustrações e queixas (Connell, 2020; Dupuis-Déri, 2018; Ging, 2017). Para se conectar, ela utiliza o pensamento da 'pílula vermelha' (*Red Pill*) para atrair mais indivíduos e disseminar sua mentalidade (Ging, 2017; Johanssen, 2022; Zuckerberg, 2018). O conceito, emprestado do filme *Matrix*, ajuda-os a entender como o mundo está operando e como lidar com ele. No entanto, algumas interpretações dessa crença promovem atitudes prejudiciais com relação às mulheres, como evitá-las ou vê-las como objetos a serem conquistados.

Uma parte da machosfera se tornou mais popular atualmente: os homens Sigma, um grupo que evita a hierarquia *Alfa* (aqueles no topo da pirâmide social) x *Beta* (os que carecem de dominância) e foca em si, praticando exercícios, evitando vícios e valorizando valores tradicionais (Ferraro, 2023; Hadford, 2023; Yalcinkaya, 2022). Imagens da cultura pop são usadas para refletir sua mentalidade, como personagens de *Psicopata Americano*, *Clube da Luta*, *Peaky Blinders*, *The Boys*, entre outros. Através de memes de internet (Denisova, 2019; Shifman, 2014a; 2014b; Wiggins, 2019), esse imaginário ajuda a atrair mais usuários com uma perspectiva encoberta chamada de mentalidade *Sigma* (*Sigma Grindset*) (Hadford, 2023).

Este estudo aborda a cultura *Sigma* no Brasil e seu impacto na sociedade. O uso de *memes* e plataformas de mídia social dissemina uma imagem prejudicial da masculinidade, promovendo comportamentos egoístas, violentos e desrespeitosos em relação às mulheres. A análise da *hashtag* (*#redpillbrasil*) e de duas contas no Instagram (@brazilian_sigma e @wojakemes_sigma²) tem o objetivo de compreender a machosfera e seus efeitos na sociedade. Espera-se que este estudo contribua para pesquisas e discussões futuras sobre masculinidades e relações de gênero, estimulando novas abordagens nesse campo.

Este artigo analisa a comunidade *Sigma* brasileira em 2023, explorando memes relacionados aos *Sigma* no Brasil para obter *insights* sobre as masculinidades contem-

² Durante a submissão deste artigo, a conta foi removida da plataforma não sendo possível discriminar a motivação.

porâneas. Este estudo pode ser de grande valor para pesquisadores interessados em gênero, mídia e cultura, uma vez que lança luz sobre a formação de comunidades online e a negociação de identidades em espaços digitais.

O trabalho é orientado pelas seguintes questões de pesquisa: Q1) Como os elementos visuais dos *memes* sobre *Sigma* na machosfera – por exemplo, imagens, textos e *remix* – refletem os valores da comunidade e sua contribuição para a construção de identidades de gênero e hierarquias sociais no país? Q2) Quais são os principais temas e discursos encontrados sobre esse grupo e como refletem e moldam identidades masculinas contemporâneas? Q3) Em que pontos a comunidade Sigma se aproxima e se afasta da *Red Pill*?

Engolindo a Pílula Vermelha

A ideia de masculinidade, de maneira abrangente, pode ser definida como uma construção social que engloba “os comportamentos, linguagens e práticas que existem em locais culturais e organizacionais específicos que são comumente associados aos homens e, portanto, culturalmente definidos como não femininos” (Whitehead; Barrett, 2001, p. 15). A masculinidade convencional é, frequentemente, vista como dominante, expressando-se na aparente supremacia dos homens sobre as mulheres e de outros indivíduos de menor poder. As convenções tradicionais da ensinam a eles a demonstrarem força e domínio sobre os outros, e os estereótipos limitadores associados exigem que os homens sejam impassíveis, autossuficientes, resistentes e poderosos (Connor et al., 2021).

Tal masculinidade é percebida como uma constante crise, com críticas aos feminismos e a reafirmação de normas tradicionais (Buchbinder, 2013). Dupuis-Déri (2018) observa que essa visão não apenas critica o feminismo, rejeitando a igualdade de gênero, mas também busca justificar o tradicionalismo como entendido pela machosfera. Essa crise é atribuída à feminização da sociedade, à falta de modelos masculinos e à exclusão dos pais por mães dominantes.

Para esse grupo, diversos sintomas são apontados como possíveis indicadores dessa crise, incluindo baixo desempenho acadêmico de meninos, altas taxas de desemprego, dificuldades em atrair parceiras, casos de violência contra homens e casos de suicídio relacionados à rejeição e ao abandono. Essa crise reflete um sentimento de “direitos prejudicados” (*aggrieved entitlement*), no qual os indivíduos percebem que seus direitos foram retirados por forças invisíveis, frequentemente associadas às mulheres (Kimmel, 2013).

O discurso sobre a crise da masculinidade é fundamentalmente misógino, retratando a feminilidade – enquanto um conjunto de normativas – como problemática, ameaçadora e tóxica, levando os homens a se feminizar (Dupuis-Déri, 2018). Esse ciclo de discriminação reforça estruturas patriarcais³, com a misoginia⁴ atuando como uma

força policial na sociedade, como sugerido por Joweon Yoon (*apud* Farrell *et al.*, 2019). Ao abordar essa crise, defensores propõem uma reavaliação da identidade masculina tradicional, enfatizando qualidades, papéis e funções sociais específicas na família, casamento e sociedade (Connell, 2020).

No entanto, o discurso em torno dessa crise não reflete a realidade das relações entre homens e mulheres, como afirma Dupuis-Déri (2018). O autor argumenta que a maior parte dos governos é liderada por esses indivíduos. Além disso, eles também ocupam cargos de poder na maioria das principais instituições internacionais e várias alianças militares. Isso lhes confere o poder de tomar decisões que impactam os povos, sendo essencialmente governantes do mundo. A riqueza e a propriedade estão fortemente concentradas nas mãos dos homens, com os dezessete indivíduos mais ricos do mundo sendo do sexo masculino. Além disso, cerca de 70% da riqueza global e 80% das terras do planeta pertencem a eles.

Dupuis-Déri (2018) contesta a ideia de que os homens estão constantemente em crise em “ambientes feminizados”, locais em que mulheres têm alguma forma de poder ou que são respeitadas. Eles são frequentemente expostos a espaços feminizados nas sociedades ocidentais, independentemente do sistema político ou das leis familiares. O discurso sobre a crise comumente se baseia em perspectivas subjetivas, como a sensação de controle por parte das mulheres ou na percepção aparente de primazia feminina.

Esses pontos de vista moldam teorias amplas sem considerar a realidade. O autor também sugere que o discurso acerca da crise serve para mobilizar os homens contra ameaças feministas percebidas, permitindo-lhes afirmar a dominância masculina entendida como tradicional sobre as mulheres. Essa crise produz três efeitos: divide a sociedade em dois gêneros, enfatiza qualidades masculinas e defeitos femininos como critérios definidores e busca a reafirmação de privilégios e poder masculinos como naturalmente superiores (Gourarier *apud* Dupuis-Déri, 2018).

Além disso, essa crise tem suas raízes na década de 1960 com o surgimento dos movimentos de libertação. Até então, ser branco e homem proporcionava um certo nível de poder devido ao seu status como norma “não marcada”, no qual o gênero estava associado às mulheres e a raça às pessoas racializadas. No entanto, esses movimentos trouxeram questionamentos sobre a identidade masculina, levando a críticas das dinâmicas de poder tradicionais que eles mantinham na sociedade. Ao expor a normatividade e a naturalidade previamente ocultas da masculinidade branca, essa nova visibilidade criou um senso de vulnerabilidade simbólica, que levou à afirmação de vitimização (Buchbinder, 2013).

³ Referente a sistemas sociais, culturais e políticos em que o poder e a autoridade são predominantemente detidos por homens, enquanto as mulheres têm menos acesso ao poder e são, frequentemente, subjugadas ou discriminadas.

⁴ Ódio, aversão ou preconceito contra mulheres.

Questões de gênero também permeiam a discussão. Gênero não é apenas um constructo biológico, mas sim o resultado de processos históricos complexos que desafiam perspectivas essencialistas. Sociobiólogos buscam explicar arranjos sociais por meio de imperativos evolucionários. Durante períodos de crise, tentativas de restaurar a masculinidade dominante podem ser observadas, como evidenciado na sociedade dos Estados Unidos no início do século XX. As dinâmicas de poder refletem tanto o colapso da autoridade patriarcal, quanto um movimento global que advoga pela emancipação das mulheres, impulsionado pela contradição inerente entre desigualdade de gênero e as estruturas das relações modernas de Estado e mercado. A incapacidade das instituições familiares e da sociedade civil em conciliar essa tensão leva a ações incoerentes do Estado, que se tornam um ponto focal no discurso político (Connell, 2020).

Essa mentalidade de gênero⁵ e o surgimento dos grupos libertários culminaram no surgimento da libertação masculina na década de 1970. Uma mobilização “comprometida em questionar as compreensões convencionais da masculinidade [...], mas que logo se dividiu em facções pró e antifeministas [...], devido em grande parte a discordâncias sobre a afirmação de que o privilégio masculino afeta adversamente as mulheres” (Ging, 2017, p. 2, tradução do autor)⁶. Essas facções migraram para o online, operando nas margens até chegarem ao *mainstream* por meio de plataformas de fóruns *chan*⁷ como *4chan*, *8chan* e *Reddit* (Johanssen, 2022).

Os apoiadores do movimento argumentam que feministas, LGBTQIA+, pessoas de esquerda e pessoas racializadas oprimiram os homens brancos e defendem a necessidade de uma nova forma de masculinidade heterossexual construída de várias maneiras na machosfera (Farrell et al., 2019; Johanssen, 2022; Zuckerberg, 2018). Mulheres e os feminismos enfrentam hostilidade nessas comunidades, especialmente dos ativistas pelos direitos dos homens (MRAs). O objetivo é contestar leis e normas sociais que eles consideram opressivas, como divórcio, pensão alimentícia, leis de custódia, circuncisão masculina e a presunção de credibilidade em casos de mulheres alegando agressão sexual (Zuckerberg, 2018).

Na machosfera, encontramos tópicos relacionados a problemas com sedução, progresso educacional, saúde mental e paternidade (Dupuis-Déri, 2018). Primeiramente, existe a crença comum de que os homens são incapazes de flertar devido a um suposto controle das mulheres, representado como uma “nova polícia dos sentimentos”

⁵ As pessoas frequentemente têm concepções idealizadas e pré-definidas de gênero, no entanto, como aponta Haraway (2018, p. 28) “gênero é sempre uma relação, não uma categoria pré-formada de seres ou uma posse que alguém possa ter. O gênero não se aplica mais às mulheres do que aos homens. O gênero é a relação entre categorias de homens e mulheres (e diversos tropos dispostos de maneira variada), diferenciadas por nação, geração, classe, linhagem, cor e muito mais”.

⁶ Todas as citações diretas estrangeiras são traduções do autor.

⁷ Fóruns online com postagens anônimas e associados a alguma cultura online específica.

praticando um novo puritanismo. Expressões como “falsa acusação”, “caça às bruxas” e “guilhotina” são frequentemente usadas para vilanizar feministas e sua causa. Esses indivíduos as criticam por supostamente rejeitarem interações românticas e sexuais com eles, enquanto as retratam como excessivamente controladoras e oportunistas nos relacionamentos.

Eles argumentam que as mulheres assumiram autoridade sobre a sexualidade e determinam quem pode ter acesso a ela e sob quais condições (Dupuis-Déri, 2018). Para contornar essa situação, foi criada uma estratégia chamada de “Arte da Sedução” (*Pick Up Artistry*) (Zuckerberg, 2018). Os “Artistas da Sedução” (PUAs) designam “uma estratégia que basicamente pensa nas mulheres e na subjetividade feminina como maquinicista e biologicistas. [Para eles, elas] são aparelhos e tudo o que é preciso é o 'algoritmo' masculino certo para ter acesso a elas” (Johanssen, 2022, p. 11).

No que diz respeito às dificuldades acadêmicas, a tese masculinista argumenta que as estatísticas comprovam que os meninos têm menos sucesso acadêmico do que as meninas, sugerindo que eles estão em desvantagem com relação a elas. Eles acreditam que há um modelo pedagógico muito feminino que desvaloriza a identidade masculina, uma vez que há muitas mulheres e poucos homens em contato com os alunos, faltando modelos masculinos para os garotos (Dupuis-Déri, 2018). Em resposta a essa tese, Dupuis-Déri (2018) argumenta que o sistema educacional atua como uma porta de entrada para o mercado de trabalho, onde as mulheres consistentemente ganham menos do que os homens com qualificações equivalentes e nas mesmas ocupações. O autor argumenta que os meninos têm mais chances de deixar a escola em busca de emprego, sendo que profissões associadas a estereótipos masculinos arraigados, como as do setor da construção civil, oferecem perspectivas atraentes para os jovens que buscam empregos bem remunerados. Por outro lado, as mulheres que deixam a escola frequentemente se encontram em posições de baixa remuneração no setor de serviços, como garçonetes e caixas.

No assunto da saúde mental, o suicídio é o mais proeminente. A taxa de suicídio entre os homens tem sido citada como um sintoma da crise, atribuída por alguns integrantes à falta de modelos masculinos e paternos, ao divórcio, aos feminismos ou ao sistema legal. Mulheres são acusadas de levá-los ao suicídio ao terminarem relacionamentos ou ao advogarem por leis contra a violência doméstica. Enquanto mulheres têm o direito ao divórcio, exercê-lo as torna supostamente responsáveis pela morte de seus ex-parceiros. Para enfrentar essa crise, os masculinistas sugerem revalorizar sua identidade convencional. Além disso, as mulheres deveriam permanecer casadas para fornecer às crianças modelos paternos e aos maridos uma presença feminina reconfortante (Dupuis-Déri, 2018).

No entanto, as taxas de suicídio são influenciadas por diversos fatores não relacionados à identidade de gênero. Dupuis-Déri (2018) destaca que, nas sociedades ocidentais, os suicídios são mais comuns em áreas urbanas do que em áreas rurais, mais

frequentes durante o verão do que no inverno, mais comuns entre os empobrecidos do que entre os ricos e particularmente prevalentes durante períodos de grave recessão econômica. Além disso, o discurso masculinista não reconhece o impacto do racismo e de fatores LGBTQIA+ nas taxas de suicídio.

O último tópico observado por Dupuis-Déri (2018) relacionado aos problemas dos homens está focado na figura do pai sacrificado. Vários pais divorciados argumentam que são vistos como fontes monetárias e estuprados por suas (ex-)esposas para terem filhos. Eles também afirmam ser vítimas de violência doméstica. Nesse contexto, acredita-se que falsas acusações de estupro sejam feitas para extorquir dinheiro deles ou sujeitá-los a penalidades judiciais. No entanto, esses argumentos carecem de fundamentação em dados. Falsas acusações de estupro são muito raras, e é realmente difícil para as mulheres se manifestarem e dizerem que foram violadas. Além disso, há escassez de dados sobre violência doméstica contra homens, pois a maioria dos relatos de violência de gênero está relacionada a mulheres agredidas. Desse modo, o discurso de crise se torna uma estratégia retórica dos grupos masculinistas.

Um conceito central na machosfera é a visão de mundo da “pílula vermelha”, que serve como uma analogia para homens que conseguem identificar teoricamente as causas de seu sofrimento. De acordo com Zuckerberg (2018), a comunidade *Red Pill*, como a conhecemos hoje, parece ter surgido por volta de 2012. No entanto, ganhou popularidade como um *meme* em 2007, quando o blogueiro antiliberal Curtis Yarvin publicou *The Case against Democracy: Ten Red Pills* (Niessen, 2022).

O termo *red pill* tem origem no filme *Matrix*, de 1999, dirigido pelas irmãs Wachowski. Em uma cena específica, o protagonista Neo enfrenta uma escolha: viver em um mundo ilusório tomando uma pílula azul ou tomar uma pílula vermelha para ver a realidade de como o mundo realmente funciona (Ging, 2017; Niessen, 2022; Zuckerberg, 2018). O conceito *Red Pill* unifica várias comunidades dentro da machosfera, visando a expor o que é percebido como misandria (ódio ou desprezo por homens) e doutrinação dos feminismos (Ging, 2017). Consequentemente, os membros da comunidade *Red Pill* não apenas ridicularizam e menosprezam as mulheres, como também creem que eles enfrentam opressão por parte delas (Zuckerberg, 2018).

Ao fazer referências à cultura pop, podemos notar um paralelo entre a influência da ideologia *Red Pill* e seu impacto em vários grupos da machosfera. A comunidade “Homens Indo Pelo Seu Próprio Caminho” (*Men Going Their Own Way*, MGTOW) acredita que mulheres priorizam aqueles de alto status no mercado sexual. Esses indivíduos buscariam uma vida livre da influência feminina ao definirem sua masculinidade. Eles as criticam por escolherem *Alfas* não confiáveis quando elas têm uma vida sexual mais ativa (Zuckerberg, 2018). Outros grupos podem focar no avanço profissional ou em projetar confiança e sucesso.

A comunidade dos PUAs visa a descobrir a verdadeira natureza feminina e conquistá-la. Em contraste, os “celibatários involuntários” (*incels*) abraçam a ideologia da

pílula preta⁸ (*Black Pill*), afirmando que atributos físicos, como um maxilar forte, determinam a atratividade sexual. Os incels argumentam que estão em desvantagem nesse sistema devido à falta desses traços físicos. Embora a machosfera e a *Red Pill* tenham facções distintas, elas compartilham uma oposição comum aos “justiceiros sociais” (*Social Justice Warriors*, SJWs), que defendem os direitos das minorias (Zuckerberg, 2018).

Na machosfera, é adotada uma estrutura hierárquica baseada em letras gregas, influenciada por Theodore Beale (Vox Day, 2010), escritor e ativista de extrema-direita. Os homens *Alfa*, no topo da pirâmide, são altos e atraentes, vendo as mulheres como objetos de prazer. Os *Beta* são atraentes, mas carecem de domínio. Os *Delta* têm expectativas irreais e idolatram mulheres atraentes. Os *Gama*, inteligentes, mas não atraentes, têm uma relação complicada com as mulheres. Os *Ômega* são indiferentes ou nutrem hostilidade com relação ao feminino. Os *Sigma*, *outsiders* que desafiam as normas sociais, desdenhando do gênero oposto (Vox Day, 2010). Esses conceitos ganharam atenção em 2022 com influenciadores *Sigma PUA* popularizando a hierarquia por meio de conselhos de relacionamento e de comportamento, alcançando um público mais amplo.

Além disso, *memes* com personagens da cultura *pop* começaram a surgir. Esses *memes* são usados ironicamente ou como forma de se identificar com uma persona autêntica, moralmente ambígua e sem remorso. Esse conjunto de princípios *Sigma* ganhou popularidade por meio de recomendações algorítmicas nas plataformas de mídias sociais. Ele se espalhou para outros países, incluindo o Brasil, atraindo jovens em busca de aprimorar suas habilidades sociais.

Uma perspectiva brasileira e o lobo solitário *sigma*

O surgimento de *coaches Red Pill* nas plataformas de mídias sociais brasileiras chamou a atenção para o movimento no país entre 2022 e 2023⁹. Seu conteúdo oferece soluções para jovens em crise, incluindo táticas como *negging*, que é uma forma de minar a autoestima feminina, e minimização de casos de estupro e violência doméstica. Além disso, temas comuns incluem o foco em si, o respeito aos pais, a evitação do gênero oposto e a busca por “peixes raros”, aquelas às quais atribuem valor, distinguindo-as da maioria que, na sua perspectiva, não merece apreço. Também há a glorificação da força, da violência contra homens e da humilhação das mulheres. Os *Sigma* brasileiros adotam estratégias de isolamento, acumulação de riqueza, consumo ostensivo e uma estética corporal muscular para o desenvolvimento pessoal (Declercq, 2023; Ferraro, 2023).

8 Seguidores acreditam que a sociedade é inerentemente injusta e que as oportunidades para o sucesso, especialmente no que diz respeito a relacionamentos românticos, são altamente desiguais e, muitas vezes, determinadas por fatores como aparência física (Aulia; Rosida, 2022).

No entanto, a machosfera não é um fenômeno novo no Brasil. Nos anos 2000, surgiram comunidades online discutindo os livros de Nessahan Alita, promovendo a ideia de desprezar mulheres para manter seu interesse. Essas comunidades, posteriormente, deram origem a grupos misóginos mais violentos. Atualmente, indivíduos brasileiros que se identificam como *redpilled* combinam as obras de Alita com autores estrangeiros como Jordan Peterson, Neil Strauss e Jack Donovan. Ao mesmo tempo, abraçam ideologias fascistas, tradicionalismo e catolicismo conservador (*rad trad*). O discurso *Red Pill* ganhou força por meio de narrativas de extrema-direita online⁹, especialmente na cultura nerd. Piadas misóginas e declarações irônicas servem como portas de entrada para adolescentes brasileiros encontrarem teorias neonazistas e fascistas (Declercq, 2023).

O discurso da supremacia de gênero ressoa com o fascismo, uma vez que este último a defende “em sociedades que estavam caminhando em direção à igualdade para as mulheres” (Connel, 2020, p. 193). Johanssen (2022) atribui o surgimento da misoginia online à disseminação de ideologias de extrema-direita e fascistas, facilitadas pela internet. Isso não se deve apenas a eleições e políticos como Erdogan, Trump, Bolsonaro, Orbán e Le Pen, mas também devido à sua dispersão online organizada. Dupuis-Déri (2018) afirma que, dentro da ideologia supremacista masculina, há a crença de que os valores associados aos homens são superiores aos das feminilidades. Essa mentalidade busca promover a pureza das identidades e se opõe à miscigenação, levando ao desprezo e ao ódio com relação às mulheres, especialmente às feministas.

No contexto brasileiro, o discurso *Red Pill* reflete a política do ex-presidente Jair Bolsonaro. O ex-presidente menosprezou os direitos das mulheres várias vezes, levando Carvalho e Freitas (2022) a rotularem essa abordagem como “misoginia bolsonarista”. Tal misoginia pode ser entendida como um projeto governamental visando a desmoralizar e ridicularizar as mulheres para manter o status quo patriarcal na política (Carvalho; Freitas, 2022).

⁹ Embora eles possivelmente estejam atuando desde meados de 2000, os coaches Red Pill vêm ganhando mais visibilidade uma vez que seus discursos migraram dos chans para as plataformas de mídias sociais mais mainstream. É possível conjecturar um aumento no número de indivíduos que disseminam essas ideias. No entanto, mesmo na ausência desse aumento, os discursos em questão estão se tornando mais visíveis, levando ao mesmo desfecho. À medida que mais pessoas têm acesso a esse tipo de conteúdo, novos seguidores emergem e, conseqüentemente, há uma maior produção desse tipo de conteúdo ao mesmo tempo que esses criadores de conteúdo incentivam que seus seguidores compartilhem seus pensamentos. Uma hipótese para a popularização desse tema em 2023 foi o caso de um coach que viralizou ao reclamar de uma mulher que lhe ofereceu uma bebida diferente da que ele estava consumindo. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c2v1y49yp6vo>. Acesso em: 1 abr. 2023.

¹⁰ A relação entre a ideologia *Red Pill* e a extrema-direita não é uniforme, entretanto, alguns integrantes podem usar suas ideias para expressar visões conservadoras ou reacionárias no tocante a gênero, raça e política.

Para apoiar seu argumento, Carvalho e Freitas (2022) destacam várias instâncias. Antes de seu mandato presidencial, Bolsonaro disse, em 2014, a uma deputada federal de esquerda que nunca a estupraria porque ela não era atraente o suficiente. Durante seu mandato, a Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República perdeu seu *status* e financiamento, sendo rebaixada no Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. O ministério reduziu significativamente os recursos orçamentários para políticas de combate à violência contra as mulheres, resultando em uma mudança na política pública federal que priorizava a família, mesmo esta última sendo, muitas vezes, a fonte da violência (Bueno, 2023).

No Dia da Mulher em 2019, ele afirmou que a proporção de ministras estava equilibrada pela primeira vez, afirmando que, dos 22 ministros, apenas duas eram mulheres, o que ele argumentou ser equivalente a dez homens. No mês seguinte, ele fez comentários sugerindo que o Brasil não deveria se tornar um paraíso do turismo gay e, em vez disso, dava as boas-vindas a estrangeiros que queriam ter encontros sexuais com brasileiras (Bueno, 2023). Outro incidente envolveu sua resposta ao testemunho de um ex-funcionário de agência de disparos de mensagens em massa por *WhatsApp* perante a CPMI sobre uma investigação de *Fake News*. O funcionário alegou que uma repórter trocava favores sexuais por informações. Bolsonaro, em conotação sexual, respondeu dizendo que ela queria dar o furo a qualquer custo. Esses são apenas alguns exemplos de como o discurso dele contribui para o estímulo à violência contra mulheres, como evidenciado pelo aumento da violência de gênero durante a pandemia de Covid-19 (Carvalho; Freitas, 2022).

Todas essas situações constituem o pano de fundo do discurso da machosfera brasileira. Online, esse discurso pode ser percebido como altamente violento; todavia, às vezes, é disfarçado com memes, o que o torna facilmente compartilhável (Vilaça, 2022). Esse grupo adere a um conceito evolutivo que influencia sua hierarquia e visão das mulheres. O *meme* do Chad¹¹ simboliza os atributos físicos que conferem a certos homens uma vantagem na atração, concentrando-se em uma aparência mais máscula (Vilaça, 2022).

A cultura *Sigma* adota o Chad como a personificação da masculinidade, simbolizado pela combinação de dois *emojis* usados em *memes*, vídeos e textos – os *emojis* da cabeça de Moai e da taça de vinho (FIGURA 1). Essa combinação originada no *TikTok* se espalhou globalmente a partir do Brasil em 2022. Essa união também é conhecida como o *meme* dos Finos Senhores¹². A cabeça de Moai representa a masculinidade associada ao *meme* do Giga Chad¹³, enquanto a taça de vinho simboliza o prazer da solidude (Ferraro, 2023).

Figura 1 - Variações de emojis utilizados no meme 'Finos Senhores'



Fonte: yaytext.com.

Os atributos físicos idealizados associados ao personagem Patrick Bateman do filme *Psicopata Americano (American Psycho)* incorporam as aspirações dos *Sigma*. Celebrar um estilo de vida de “rato de academia” e buscar a aparência muscular do personagem representam a busca pela masculinidade idealizada. No entanto, muitos falham em reconhecer que o personagem foi criado para zombar das próprias qualidades que admiram.

O fenômeno da cultura Sigma e suas várias adaptações, como o uso do meme Chad e o imaginário de Bateman, exemplificam as contínuas mudanças e complexidades de algumas das masculinidades vivenciadas hoje. Como tal, é crucial investigar os contextos culturais e sociais que moldam o surgimento e a disseminação dessas tendências. Por meio da análise de conteúdo visual (Rose, 2016) no *Instagram*, dois perfis orientados para homens *Sigma* e a *hashtag* mais proeminente são analisados para identificar temas, discursos e referências culturais.

A abordagem de Rose (2016) adota uma metodologia interdisciplinar que combina a análise crítica das imagens com a contextualização cultural, focando a prática visual. É examinado como as imagens são influenciadas e influenciam a cultura nas quais estão inseridas, ao mesmo tempo em que se concentra em como as imagens são criadas, distribuídas e utilizadas em diferentes contextos. Essa abordagem integrada permite uma compreensão mais completa das imagens e de como elas constroem significados, identidades e ideologias no ambiente visual contemporâneo. Essa análise visa a oferecer *insights* sobre as dinâmicas culturais e sociais que influenciam a formação e a disseminação da identidade *Sigma* e suas representações na mídia digital.

11 Disponível em: <https://knowyourmeme.com/memes/chad>. Acesso em: 1 abr. 2023.

12 Disponível em: <https://knowyourmeme.com/memes/gigachad>. Acesso em: 1 abr. 2023.

13 Disponível em: <https://knowyourmeme.com/memes/finos-senores-%F0%9F%97%BF-moai-head-emoji-and-%F0%9F%8D%B7-wine-glass-emoji>. Acesso em: 1 abr. 2023.

Este estudo utilizou uma API do *Instagram* (*4K Stogram*) para coletar imagens e realizou uma análise de conteúdo visual seguindo enquadramento metodológico de Rose (2016). O estudo selecionou a hashtag *#redpillbrasil* e duas contas do Instagram (@brazilian_sigma e @wojakemes_sigma) para análise¹⁴. Aplicando técnicas de codificação e contagem de frequência, o estudo identificou indivíduos, símbolos e imagens brasileiras nos *memes*, o que permitiu a sua categorização em 14 tópicos temáticos. Cinco tópicos mais proeminentes foram selecionados para fornecer uma síntese da perspectiva Sigma: misoginia, antifeminismo, Patrick Bateman, política brasileira e hábitos.

Os memes *Sigma*

Para examinar os tópicos gerados e consumidos dentro da cultura Sigma, realizou-se uma análise dos memes coletados durante o período de janeiro a março de 2023. Embora eles tendam a ser lidos como “encarnações aparentemente insignificantes de bobagem e capricho” (Shifman, 2014b, p. 340), eles também podem refletir “discursos subjacentes que têm um grande impacto nas sociedades” (Denisova, 2019, p. 197). Esse item digital é essencial para compreender tanto os comportamentos digitais, quanto a lógica cultural que os governa, uma vez que afetam as ações de grupos sociais (Shifman, 2014a; 2016).

O objetivo desta análise é investigar os discursos subjacentes e as consequências sociais presentes nos memes da cultura Sigma. *Meme* é definido como um grupo de itens digitais com características comuns remixados por usuários da internet e rapidamente compartilhados em diferentes formas. Sua função é entreter os usuários da internet enquanto propagam informações, rumores e humor (Shifman, 2014a; 2016; Wiggins, 2019).

No entanto, pela possibilidade de serem vistos apenas como elementos frívolos, isso é apenas a ponta do iceberg com relação à sua importância social. Ao aprofundar a pesquisa, torna-se possível identificar o argumento subjacente ao *meme*, que geralmente reflete uma prática ideológica, se não sempre. A combinação de ideologia, confusão com o tom humorístico, capacidade de disseminação e rapidez, aliada à aparente superficialidade, confere aos memes um poderoso instrumento de influência social, cuja relevância costuma ser subestimada (Wiggins, 2019).

Misoginia

Foi identificado conteúdo misógino em alguns *memes Sigma*. Na Figura 2, temos três exemplos que retratam as mulheres como objetos de desprezo, destacando

14 A hashtag foi escolhida por conter a maior incidência de conteúdo brasileiro sobre Red Pill, e os perfis por conterem um número elevado de memes postados.

características negativas ou descrevendo-as como uma ameaça aos homens através de falsas acusações de estupro.

Figura 2 - Exemplo de conteúdo misógeno

quando mulher faz
falsa acusação de
estupro



Fonte: #redpillbrasil.

A primeira imagem retrata Tom, do desenho *Tom e Jerry*, como uma mulher, permitindo que outros dois gatos entrem em sua casa. O texto diz “quando mulher faz falsa acusação de estupro”, enquanto Tom exclama: “Peguem ele!”. A segunda imagem compara a aparência de Tom Cruise e Kelly McGillis no filme *Top Gun* com como eles se parecem em 2018. A última imagem retrata uma história em quadrinhos sobre o encontro sexual do jogador de futebol Neymar com uma mulher, na qual ela, no meme, inicialmente expressa arrependimento sobre o encontro sexual deles e depois o acusa de estupro. Isso faz referência a um incidente real em que uma modelo fez o mesmo contra o jogador em 2019.

Essa coleção de imagens destaca a prevalência de falsas acusações de estupro como um tema proeminente no país, um assunto que a machosfera compartilha com seus pares (Ging, 2017; Johanssen, 2022; Zuckerberg, 2018). O caso de McGillis exemplifica como a machosfera desvaloriza as mulheres à medida que envelhecem em comparação com homens de idade similar.

Antifeminismo

O antifeminismo é um tema recorrente na comunidade *Sigma*, refletindo uma percepção dos feminismos como uma caça às bruxas aos homens. Feministas são vistas como inimigas e criticadas por se sexualizarem, atacarem os homens e supostamente direitos das mulheres cinicamente, como retratado na Figura 3.

Figura 3 - Exemplo de conteúdo antifeminismo



Fonte: #redpillbrasil.

A primeira imagem compara duas versões de feministas em seus 20 e 30 anos, retratando estereótipos de juventude, beleza, promiscuidade e fertilidade para a mulher mais jovem, enquanto retrata a mais velha como acima do peso, desesperada e indesejável. A segunda imagem mostra dois comportamentos contrastantes de feministas. O primeiro inclui o uso de termos pejorativos como "pau pequeno", "gordo incel" e a exclusão de homens com menos de 1,80 metros. O segundo exibe a hashtag #bodypositive, promovendo a ideia de que todos os corpos são bonitos e pedindo que outros não imponham padrões corporais em seu corpo. A imagem final faz referência ao meme "Thanos's perfectly balanced"¹⁵, que simboliza uma divisão de 50/50 de um tema específico. Nesse contexto, é usado para transmitir a ideia de que feministas defendem os feminismos, ao mesmo tempo, em que dançam ao som de músicas que insultam as mulheres em festas.

No geral, essa coleção retrata uma suposta inconsistência nas feministas, representando-as como justiceiras sociais em algumas situações e como misândricas em outras. Em certas ocasiões, são mostradas como amargas, solitárias ou sem propósito em sua causa, mesmo enquanto desfrutam da cultura pop. Esses memes refletem uma visão de mundo específica sobre o funcionamento dos feminismos e, por meio do humor, alimentam o conflito entre a machosfera e as mulheres.

Patrick Bateman

Bateman e outros personagens da cultura pop foram apropriados pelos Sigma como memes ou símbolos de seu estilo de vida (Hadford, 2023; Sharma, 2022; Yalcinkaya, 2022). A Figura 4 exibe quatro memes que exemplificam as várias formas como a imagem de Bateman é empregada. Os dois primeiros demonstram usos irônicos, enquanto os outros dois contêm conteúdo misógeno.

15 Disponível em: <https://knowyourmeme.com/memes/perfectly-balanced>. Acesso em: 1 abr. 2023.

Figura 4 - Exemplo de conteúdo de Patrick Bateman



Fonte: @brazilian_sigma.

A primeira imagem compara Bateman ao meme do personagem não-jogável¹⁶ (*Non-playable character, NPC*), representando alguém que reproduz discursos sem pensar criticamente. A segunda mostra Bateman mudando sua personalidade após ser influenciado por um filme com um personagem “based”, que significa legal ou *anti-work*. Personagens *based* na cultura *Sigma* servem como ideais ou objetos de autorreferência. No terceiro *meme*, o personagem está falando ao telefone, questionando se ele é misógino. Ele responde que é impossível porque ele tem uma “cachorra” em casa. Ela reflete um discurso comumente empregado e que nega o preconceito ao fazer declarações como “Sou sexista? Não, eu tenho uma mãe”. O último utiliza a imagem do personagem com um texto que diz: “Seja o motivo dela ter trocado a fechadura”. A imagem retrata a prática do *stalking* como um jogo, apelando para o subgrupo dos jogadores e potencialmente apreciado pelos *Sigma*.

Política brasileira

Dentro da comunidade *Sigma*, foram encontrados conteúdos políticos relacionados a vários aspectos do contexto brasileiro. Eles variam desde políticos, economia, nacionalismo, anti-EUA e políticas públicas. A Figura 5 exhibe quatro exemplos de tópicos compartilhados no *Instagram*.

Figura 5 - Exemplos de conteúdo político



Fonte: @wojakmemes_sigma.

¹⁶ Disponível em: <https://knowyourmeme.com/memes/npc-wojak>. Acesso em: 1 abr. 2023.

O primeiro *meme* retrata Bolsonaro como GigaChad, declarando ser “imbrochável”, algo dito por ele durante o Bicentenário de Independência do Brasil. Ele o contrasta com variações de Wojak¹⁷ representando identidades *woke*, criando uma dinâmica de “nós vs. Eles” com implicações machistas. A segunda imagem mostra apoiadores de Bolsonaro e do presidente Lula perguntando a Enéas Carneiro se direita e esquerda são faces da mesma moeda. Enéas, conhecido por seu conservadorismo e postura anticorrupção, responde com um simples “Sim”. Sua popularidade entre os eleitores mais jovens, devido às suas falas e campanhas políticas, levou à sua inclusão no imaginário Sigma, refletindo um desejo de romper com os sistemas políticos estabelecidos.

A terceira imagem mostra uma história em quadrinhos em que Hitler e Stalin discutem o número de mortes em seus regimes, enquanto o planejamento familiar (*Planned Parenthood* do norte, centro e sul de Nova Jersey) ri no final. Embora o *Planned Parenthood* não opere no Brasil, a história em quadrinhos simboliza políticas de controle de natalidade ou questões relacionadas, ilustrando a tradução de conceitos políticos para contextos locais.

A imagem final apresenta um Wojak inicialmente descartando a relevância da política, concentrando-se em seu churrasco. No entanto, posteriormente, ele contempla o estado do mundo, mencionando a disponibilidade de hambúrgueres veganos e leite de barata. Isso destaca a priorização das rotinas diárias por alguns homens e os resultados considerados não convencionais resultantes de seu desinteresse pela política. O churrasco representa comida real para o homem *Sigma*, enquanto aqueles que preferem opções à base de plantas são rotulados como *soy-boys*, um termo pejorativo que implica características menos masculinas ou “floquinho de neve” – um sinônimo de *woke*.

Hábitos Sigma

Os *memes Sigma* zombam das buscas transitórias em detrimento de valores tradicionais como família, religião e lar. Alguns *memes* brincam com os objetivos *Sigma* ou expressam momentos de desespero. No *cluster* analisado, surgiu uma categoria distinta composta por filósofos, políticos, divindades e cientistas transmitindo conhecimento para indivíduos que os procuram. Ao invocar essas figuras, a comunidade tende a “perpetuar a ideia de que homens brancos são os guardiões da autoridade intelectual, especialmente quando essa autoridade é percebida como ameaçada por mulheres e pessoas racializadas” (Zuckerberg, 2018, p. 4).

Zuckerberg (2018) sugere que grupos conservadores frequentemente têm uma pre-

¹⁷ Wojak é também conhecido como Feels Guy comumente usado para demonstrar sentimentos. No contexto sigma, é aplicado para mostrar sentimento de raiva e indignação de adversários e uma certa superioridade dos Sigmas. Disponível em: <https://knowyourmeme.com/memes/wojak>. Acesso em: 1 abr. 2023.

dileção pela antiguidade, pois, para eles, ela representa um passado idealizado. Isso demonstra que “o mundo antigo representa uma época menos progressista, tanto tecnologicamente quanto socialmente, e, embora os conservadores tendam a aplaudir o progresso tecnológico, eles também tendem a lamentar o progresso social” (Zuckerberg, 2018, p. 25).

Embora a maioria dos textos contendo *memes Sigma* exiba conteúdo misógino, alguns fornecem conhecimento para melhorar os homens. Por exemplo, filósofos estoicos escreveram sobre o vício como a personificação do mal, cativando indivíduos a trabalharem em si e evitarem comportamentos que os afastem da virtude. A familiaridade com textos clássicos é vista como um indicador de pertencimento a uma classe social mais elevada. No caso da virtude estoica sendo apropriada pela *Red Pill*, ela é interpretada como uma projeção de aparência “de controle emocional [...] para mudar sua imagem de um grupo de homens brancos zangados para as únicas pessoas corajosas o suficiente para falar a verdade ao poder” (Zuckerberg, 2018, p. 76).

A Figura 6 ilustra o compartilhamento de pílulas de conhecimento e seu propósito pretendido.

Figura 6 - Exemplo de conteúdo sobre hábitos Sigma



Fonte: @wojakmemes_sigma.

A primeira imagem retrata um Wojak priorizando a destreza intelectual sobre a força física, confrontado por Tucídides na forma de um Chad Romano, alertando sobre os perigos de separar os estudiosos dos guerreiros. Na segunda pílula de conhecimento, um Withered Wojak busca conselhos durante um momento difícil, ao qual Aristóteles responde com a importância de focar na luz em meio à escuridão.

A terceira imagem contrasta os pensamentos de um *Sigma* e de um não *Sigma* durante seus banhos. O indivíduo não *Sigma*, representado pelo *Fat Frustrated Wojak*, contempla distrações modernas como plataformas de mídias sociais, conteúdo explícito, cultura popular, drogas, fóruns online e ideologias progressistas. Em contraste, o *Sigma* reflete valores convencionais, como religião, família, boa forma física, papéis de gênero tradicionais e nostalgia por uma era passada. A imagem final retrata um emotivo *Pepe the Frog*, um símbolo associado a extrema-direita, abraçando uma foto de um lar e de família da metade do século XX.

Esses cinco conteúdos são apenas uma pequena parte do que é disseminado pela

comunidade *Sigma* brasileira. Apesar de suas limitações, essa análise oferece insights sobre tópicos e perspectivas compartilhados entre os membros da comunidade e para usuários externos. Ela reflete elementos da machosfera tradicional e subtextos específicos dentro da cultura brasileira, incluindo oposição aos feminismos, misoginia, nacionalismo, promoção de valores familiares tradicionais e ênfase no desenvolvimento pessoal.

Análise

Os elementos visuais dos *memes Sigma* utilizam diversas variações de *memes* Wojak, personagens da cultura pop e outros memes de frequências menores para transmitir suas ideologias e disfarçar sutilmente suas visões depreciativas por meio de uma abordagem humorística. Esse uso estratégico de pensadores mais antigos e um humor peculiar contribui para a construção de uma persona masculina cultivada, como exemplificado pelo “Finos Senhores”. Além disso, ao enfatizar uma disposição egocêntrica, a cultura *Sigma* estabelece uma identidade distinta separada da estrutura hierárquica predominante na machosfera, que é principalmente centrada na presença ou ausência das mulheres (Q1).

Os temas presentes nos dados incluem misoginia, antifeminismo, promoção de mentalidade *Sigma* e conteúdo político nacionalista. Esses assuntos refletem tópicos polarizadores na sociedade brasileira, alinhando-se ao discurso da machosfera durante o mandato presidencial anterior (Carvalho; Freitas, 2022). Como os *memes* tendem a ressoar mais com as gerações Y e Z¹⁸, eles não apenas refletem mentalidades contemporâneas brasileiras, mas também contribuem para moldar identidades masculinas nessas gerações (Q2).

O conteúdo coletado está relacionado à mentalidade *Red Pill*, uma vez que ecoa em coaches que defendem a mentalidade *Sigma*, enquanto também atuam como PUAs (Bueno, 2023; Declercq, 2023; Ferraro, 2023). A maioria do conteúdo dos memes pode ser observada nas fontes em que este trabalho se baseou (Q3).

Considerações finais

A crise da masculinidade é subjetiva, moldada pela linguagem e percepção. O discurso pós-década de 1960 retrata essa forma de expressão enquanto crise (Robinson *apud* Buchbinder, 2013). A machosfera oferece respostas distorcidas – porém, internamente consistentes –, para aqueles que buscam orientação (Santos *apud* Ferraro, 2023). Além disso, à medida que a noção de crise ganha força, surgem diversos subgru-

18 Geração Y conhecida também como Millennials, nascidos entre 1981 e 1995 e geração Z popularmente conhecida como Zoomers que nasceu entre 1995 e 2010. Segundo A Pesquisa Genexit, essas gerações tendem a ter um pensamento-meme (memethinking), um termo que, atualmente, descreve a maneira como as pessoas entendem o contexto de itens culturais específicos implicitamente em grupo. Algo que ressoa com a estética dos memes (Monaghan; Secaf, 2017).

pos dentro da machosfera, cada um oferecendo suas perspectivas únicas. Dentro dela, a mentalidade *Sigma Male* "oferece um artefato cultural único para examinar as reações às mudanças na economia política e nos avanços conquistados pelas feministas na sociedade ocidental" (Hadford, 2023, p. 85).

Eles transcendem a dicotomia *Alfa-Beta*, buscando uma forma particular de masculinidade. Eles rejeitam hierarquias tradicionais e expectativas sociais impostas aos homens. Além disso, alguns abraçam o *NoFap* – uma prática que envolve a retenção de sêmen – e o *edging*, redirecionando o foco para o interior, valorizando sua própria sexualidade e crescimento pessoal em vez de procurarem validação de parceiras sexuais (Hadford, 2023). Com uma falta de desejo de ser compreendido e uma profunda reverência pelos estudiosos clássicos, o homem *Sigma* emerge como um prodígio intelectual pensativo, reverenciado por seus pares como alguém demasiado sábio para se encaixar na sociedade (Yalcinkaya, 2022).

A pílula vermelha oferecida pelos *Sigma* pode fornecer respostas às perguntas de jovens expostos às mídias sociais, levando-os a visões de mundo mais supremacistas. À medida que embarcam em sua jornada emocional, esses jovens encontram conceitos que promovem supremacia em diversos aspectos, incluindo gênero, raça e religião. As comunidades online servem como portais para a extrema-direita, caracterizada por misoginia extrema, supremacia masculina e teorias conspiratórias que associam o progresso dos direitos das mulheres a tramas ocultas de ideologia radical (Prado *apud* Ferraro, 2023).

Os *memes* analisados representam uma pequena parte do imaginário *Sigma* brasileiro. Entre as 18.766 imagens coletadas, apenas 580 foram categorizadas como *memes*¹⁹, sugerindo uma ampla disseminação da cultura *Sigma* por meio de diferentes mídias. No entanto, esses *memes* selecionados lançam luz sobre a convergência dos valores *Sigma* brasileiros com comunidades globais.

Apesar de elementos problemáticos, a machosfera brasileira oferece apoio para homens lidando com desafios pessoais. Muitos indivíduos discutem abertamente inseguranças sobre relacionamentos, aparência e questões de saúde mental como depressão e ansiedade. Além disso, dificuldades econômicas e um sentimento de pessimismo no tocante às perspectivas, incluindo oportunidades educacionais limitadas e empregos mal remunerados, são temas comuns compartilhados nesse espaço (Santos *apud* Ferraro, 2023). Todavia, existem outras formas de apoio fora da machosfera para os que estão sofrendo e que não disseminem misoginia ou pensamentos hierarquizados como grupos terapêuticos oferecidos por ONGs ou psicólogos.

Em conclusão, esta pesquisa fornece uma análise inicial sobre a comunidade

19 A categorização para a classificação dos *memes* foi a de exclusão. Os *memes* não poderiam ser fotografias, notícias, propagandas e outros itens que se propagam se valendo do uso das *hashtags* pesquisadas.

Sigma brasileira e de como ela se manifesta na machosfera do *Instagram*. Os memes são uma ferramenta poderosa para disseminar ideias e valores, e, neste caso, têm sido usados para promover uma mentalidade, muitas vezes, misógina e prejudicial para as relações de gênero. Mais pesquisas são necessárias para compreender as práticas discursivas da cultura masculina brasileira, assim como os contextos transnacionais de grupos online centrados em homens.

Referências

AULIA, Mahirza Putra; Rosida, Ida. The Phenomenon of Involuntary Celibates (Incels) in Internet Meme Culture: A Reflection of Masculine Domination. **International Journal of Media and Information Literacy**, v. 7, n. 1, p. 4-17, 2022.

BUCHBINDER, David. **Studying Men and Masculinities**. Londres: Routledge, 2013.

BUENO, Samira. Misoginia disfarçada de autoajuda. **Piauí**, 8 mar. 2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/misoginia-disfarcada-de-autoajuda/>. Acesso em: 1 abr. 2023.

CARVALHO, Carla; FREITAS, Geisa. A pandemia de Covid-19 e de misoginia no Brasil: Discurso sobre a violação dos direitos das mulheres. **Primeira Escrita**, v. 9, n. 1, p. 113-125, 2022.

CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. 2. ed. Nova York: Routledge, 2020.

CONNOR, Sandra et al. Perceptions and Interpretation of Contemporary Masculinities in Western Culture: A Systematic Review. **American Journal of Men's Health**, v. 15, n. 6, p. 1-17, 2021.

DECLERCQ, Marie. 'Coach do Campari' é só a ponta do iceberg de um universo misógino. **UOL**, Sociedade, 28 fev. 2023. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2023/02/28/coach-do-campari-e-so-a-ponta-do-iceberg-de-um-universo-misogino.htm>. Acesso em: 1 abr. 2023.

DENISOVA, Anastasia. **Internet Memes and Society**. Nova York: Routledge, 2019.

DUPUIS-DÉRI, Francis. **La crise de la masculinité: Autopsie d'un mythe tenace**. Quebec: Les éditions du remue-ménage, 2018.

FARRELL, Tracie; FERNANDEZ, Mirian; NOVOTNY, Jakub; ALANI, Harith. Exploring Misogyny across the Manosphere in Reddit. In: ACM CONFERENCE ON WEB SCIENCE, 10., 2019. **Anais WebSci '19**, 2019. p. 87-96.

FERRARO, Manuela. Homens sigma, tendência no TikTok, espalham misoginia na rede. **Folha de São Paulo**, 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/blogs/hashtag/2023/02/homens-sigma-tendencia-no-tiktok-espalham-misoginia-na-rede.shtml>. Acesso em: 1 abr. 2023.

GING, Debbie. Alphas, Betas, and Incels: Theorizing the Masculinities of the Manosphere. **Men and Masculinities**, v. 22, n. 4, p. 1-20, 2017.

HADFORD, Claire. The Sigma Male Grindset as Alienation and Asceticism: A rejection of individual emancipation in the work of Karl Marx. **The Motley**, v. 1, n. 1, p. 82-95, 2023.

HARAWAY, Donna Jeanne. **Modest-Witness@Second-Millennium.FemaleMan-Meets-OncoMouse**: Feminism and technoscience. Nova York: Routledge. 2018.

JOHANSSSEN, Jacob. **Fantasy, online misogyny and the manosphere**. Nova York: Routledge, 2022.

KIMMEL, Michael. **Angry White Men**. Nova York: National Books, 2013.

MONAHAN, Sean; SECAF, Sophie. **GenExit**. [s. l.]: YÖNE, 2017.

NIESSEN, Niels. Forget the Red Pill: Queer Politics but also Transhumanist Ideology in The Matrix. **Film Criticism**, v. 46, n. 2, 2022.

ROSE, Gillian. **Visual Methodologies**. Londres: Sage, 2016.

SHARMA, Ruchira. Sigma Grindset: TikTok's toxic worshipping of Patrick Bateman is another sign young men are lost. **British GQ**, 7 nov. 2022. Disponível em: <https://www.gq-magazine.co.uk/lifestyle/article/sigma-grindset-tiktok-trend-2022>. Acesso em: 1 abr. 2023.

SHIFMAN, Limor. Memes. In: PETERS, Benjamin (ed.). **Digital Keywords**. Princeton: Princeton University Press, 2016. p. 197-205.

SHIFMAN, Limor. **Memes in Digital Culture**. Cambridge: MIT Press Essential Knowledge, 2014a.

SHIFMAN, Limor. The Cultural Logic of Photo-Based Meme Genres. **Journal of Visual Culture**, v. 13, n. 3, p. 340-358, 2014b.

VILAÇA, Gracila. VIRGIN x CHAD. Memes de internet da machosfera brasileira no Reddit. In: Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 31., Imperatriz (MA), UFMA, 2022. **Anais do Compós**, 2022.

VOX DAY. Explaining Sigma. Again. **Vox Popoli**, 26 maio 2010. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20210516121822/https://voxdays.blogspot.com/2010/05/explai->

[ning-sigma-again.html](#). Acesso em: 1 abr. 2023.

YALCINKAYA, Günseli. Rise and grind: How 'sigma males' are upturning the internet. **Dazed**, 13 jan. 2022. Disponível em: <https://www.dazeddigital.com/science-tech/article/55208/1/rise-and-grind-how-sigma-male-memes-are-upturning-the-man-o-sphere>. Acesso em: 1 abr. 2023.

WIGGINS, Bradley. E. **The Discursive Power of Memes in Digital Culture**. Nova York: Routledge, 2019.

WHITEHEAD, Stephen; BARRETT, Frank J. The sociology of masculinity. In: WHITEHEAD, Stephen; BARRETT, Frank J. (ed.) **The masculinities reader**. Cambridge: Polity, 2001.

ZUCKERBERG, Donna. **Not All Dead White Men**. Londres: Harvard University Press, 2018.